

---

## Das Indústrias Criativas às Cidades Inteligentes: Uma Revisão Conceitual<sup>1</sup>

Jéssica Ibrahin de BARROS<sup>2</sup>

Juliano Mendonça Domingues da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar um panorama do debate conceitual em torno da conexão entre as ideias de indústrias criativas e cidades inteligentes, a partir do seguinte problema: como o fomento às indústrias criativas está associado à gênese de cidades inteligentes? O texto está assim estruturado: (a) aborda-se a relação entre políticas públicas e indústrias criativas; (b) apresenta-se a associação entre indústria e economia criativas; (c) trabalha-se a ideia de cidades criativas; e de (d) cidades inteligentes. A revisão empreendida permitiu verificar uma forte associação entre os conceitos de políticas de comunicação e cultura, indústrias criativas e cidades inteligentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas de Comunicação e Cultura; Cidades Criativas; Cidades Inteligentes; Indústrias Criativas.

### Introdução

O presente artigo está inserido no contexto de uma ampla pesquisa desenvolvida na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) intitulada “Estudo exploratório das indústrias criativas em Pernambuco”. Trata-se de um projeto guarda-chuva sob o qual estão abrigados oito subprojetos de pesquisa coordenados por 13 pesquisadores-doutores e integrados por uma dezena de alunos de graduação.

Este texto, como parte desse projeto mais amplo, dedica-se a revisar de modo breve alguns dos conceitos centrais do debate sobre indústrias criativas e cidades inteligentes. Tal esforço foi motivado pela seguinte seguinte pergunta: como as indústrias criativas estão associadas à gênese de cidades inteligentes? A busca por uma resposta para esse questionamento passa, necessariamente, pela reflexão acerca de

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup>Estudante de graduação 7º semestre Curso de Jornalismo da Unicap, email: jessicaibrahinb@gmail.com

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor Dr. do Curso de Jornalismo e Coordenador e Professor do Mestrado de Indústrias Criativas da Unicap, email: domingues.juliano@gmail.com

---

conceitos-chave e da conexão entre eles, quais sejam: indústrias criativas; cidades criativas e cidades inteligentes.

Esse é, portanto, o caminho percorrido por este texto. Pretende-se, com isso, apresentar um panorama a partir do qual a aplicabilidade desses conceitos se torne possível. Essa é a intenção de tal contribuição ao projeto mais amplo desenvolvido no âmbito da Universidade Católica: a partir dessa revisão, compreender, em um momento futuro, o desenvolvimento do Recife enquanto cidade inteligente, conforme caracterizado por Martel (2015).

### **Indústrias criativas**

Estudar políticas públicas é analisar "o governo em ação" nas suas mais diversas áreas de atuação - saúde, habitação, educação, entre outras. No caso específico de interesse deste artigo, destacam-se as políticas para a área de comunicação e cultura. Em países democráticos, elas se estabelecem no momento em que os governos concretizam suas promessas e propósitos eleitorais em ações, das quais se originam resultados positivos ou negativos (SOUZA, 2006).

A expressão "indústrias criativas" surgiu no início dos anos 1990 na Austrália, desenvolvendo-se em seguida na Inglaterra, normalmente atrelada ao contexto de políticas públicas de cultura (BENDASSOLLI; WOOD JR.; KIRCHBAUM; PINA e CUNHA, 2009a; FAUSTINO, 2013). Hoje, refere-se a setores produtivos nos quais a criatividade desempenha papel fundamental (BENDASSOLLI; WOOD JR.; KIRCHBAUM; PINA e CUNHA, 2009b; BENDASSOLLI, 2007). Insere-se nesse contexto o conjunto de atividades relacionadas à criação, fabricação e comercialização de serviços e/ou produtos culturais, tais como teatro, filmes, games, artes performáticas, jornalismo, fotografia, publicidade, design, softwares interativos e de lazer, música, indústria editorial, rádio, TV, museus e galerias (FAUSTINO, 2013).

Ao longo dos últimos anos, as indústrias criativas têm sido responsáveis por parcela significativa da movimentação econômica de países desenvolvidos. Na Europa, por exemplo, elas representam 654 milhões de Euros, o que corresponde a 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB) da União Europeia e crescem 12,3% acima da média da

---

economia (FAUSTINO, 2013). Nos Estados Unidos (EUA), o valor de produtos baseados em direitos de autor superam as taxas de exportação dos setores de automóvel, agrícola, aeroespacial e da defesa (*idem*). Pesquisa da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2014) indica que, no Brasil, entre os anos de 2004 e 2013, as indústrias criativas cresceram 90%. Nesse período, o PIB movimentado pelo setor cresceu 69,8% em termos reais. A remuneração dos trabalhadores da área também merece destaque: enquanto o rendimento mensal do trabalhador brasileiro era R\$ 2.073,00 em 2013, os profissionais da indústria criativa chegavam a ganhar três vezes mais.

É possível associar o desenvolvimento das indústrias criativas a políticas públicas capazes de fomentar o surgimento de parques tecnológicos e *clusters* (FAUSTINO, 2013). Serra (2014) destaca iniciativas nesse sentido:

No Brasil vários esforços de mensuração das atividades econômicas criativas vêm sendo feitos e a importância delas, demonstrada pelos números, é reforçada pela sua tradução em políticas públicas tanto no nível federal, com a criação da Secretaria de Economia Criativa no âmbito do Ministério da Cultura, quanto como estratégia de desenvolvimento no nível local, com o surgimento de arranjos produtivos locais e parques tecnológicos que têm a economia criativa como atividade preponderante. (SERRA, 2014. p. 2)

No contexto da economia criativa, a criatividade é a matéria-prima mais importante e o produto econômico mais valioso (HOWKINS, 2001). Isso acaba por estabelecer uma importante distinção entre a sociedade industrial, baseada na manufatura e na eletricidade, e a pós-industrial, baseada no conhecimento e na informação (KUMAR, 1997). O ato criativo do qual se origina uma marca, portanto algo intangível, tem o potencial de ser mais valioso do que o próprio produto em si. O ativo gira em torno dos direitos autorais. Trata-se, portanto, de uma dinâmica estranha à economia convencional, marcadamente industrial, a qual não se mostra capaz de explicar os detalhes desse novo cenário, pós-industrial:

A economia tradicional é bem capacitada para explicar o primeiro sistema já que eles são similares e bens manufaturados de serviços. Porém, ela se vê em apuros ao tentar explicar o segundo. Por exemplo, ela poderia explicar a fabricação de um livro em termos do bem

---

material, mas é menos adequada para explicar as palavras e as ilustrações nele contidas. Ela é especializada no processo de fabricação de um comprimido, mas não tão boa para a patente da qual depende o valor do medicamento. (HOWKINS, 2001, p.147)

A economia criativa é fruto da intersecção entre mídia, arte e tecnologia. Ela costuma reunir profissionais com as mais diversas competências, conectados por meio de tecnologias de mídia digital (BENDASSOLLI et al. 2009). Nesse ambiente transectorial e transprofissional, as atividades têm como premissa a criatividade e o talento individuais, que se refletem em riqueza intelectual. Desse contexto, onde a criatividade é entendida como parte de uma estratégia de planejamento do poder público, originam-se as cidades criativas e inteligentes, nas quais são fomentados ambientes prósperos e propensos para a disseminação e o desenvolvimento do conhecimento (BRADFORD, 2004).

### **Cidades criativas**

Reis (2012) ressalta que, historicamente, é possível verificar o que ele chama de uma relação íntima entre modelo econômico em vigor e configuração urbana. Se parte-se do pressuposto de que se vive um processo de transição de uma economia de manufatura baseada na eletricidade para uma economia de criatividade baseada no conhecimento, é esperado que se verifique, também, o surgimento de uma denominação para essa nova configuração espacial.

A expressão "cidades criativas" surgiu a partir de debates acerca das indústrias criativas e da economia criativa, capitaneados por urbanistas, economistas e sociólogos dedicados à reflexão sobre a interação entre o espaço urbano e as mais diversas dimensões da vida social: "(...) daí nos referimos à cidade industrial, à cidade de serviços, à cidade digital, entre outras." (REIS, 2012, p 14). Não por acaso, as primeiras menções à expressão "cidade criativa" foram identificadas na Austrália, Reino Unido, Estados Unidos e Canadá. É justamente nesses grandes centros que se verifica a

---

emergência do que veio a se chamar de indústrias criativas. Eram as cidades "respondendo" aos novos tempos:

As cidades são seres vivos, porque têm fases de crescimento, estagnação e declínio. A viabilidade urbana é sua capacidade de se adaptar e responder à mudança das circunstâncias. Tais adaptabilidade e responsabilidade são maiores nas cidades cujas dimensões econômica, cultural, social e ambiental encontram-se igualmente desenvolvidas, até um nível de autossustentabilidade (LANDRY; BIANCHINI, 1995, p. 23).

Espera-se que as cidades criativas cultivem um ambiente de liberdade individual e criatividade. Howkins (2001, p. 264) define as define como cidades onde as pessoas se sentem à vontade para explorar suas ideias por meio de aprendizado e adaptação e nas quais mudanças são corriqueiras. Não muito diferente, Bradford (2004, p. 21) defende que as cidades criativas são locais de experimentação e inovação, nas quais ideias florescem e pessoas de todas as formações se unem para fazer de suas comunidades lugares cada dia melhores para viver. Florida (2004, p. 48) caracteriza a cidade criativa como um lugar onde a classe criativa prevalece. Nesses centros, verifica-se altos índices de talento, tecnologia e tolerância, com ênfase especial à quase inexistência de barreiras à entrada de talentos criativos.

Associada ao debate sobre cidades criativas está a ideia de *clusters* criativos, ou seja, espaços urbanos propícios ao desenvolvimento da criatividade. Observa-se uma tendência à intervenções de modo a transformar locais degradados e subutilizados em ambientes dessa natureza:

Nas últimas décadas, tem-se observado uma emergência comum às grandes metrópoles mundiais: os antigos espaços urbanos centrais estão perdendo boa parte de suas funções produtivas, tornando-se obsoletos e transformando-se em territórios disponíveis, oportunos. Trata-se dos chamados vazios urbanos, *wastelands* ou *brownfields*. (LEITE; AWAD, 2012, p. 9).

---

Os vazios urbanos acabam se tornando o lugar ideal para a implantação dos projetos alinhados ao surgimento de políticas urbanas de desregulamentação urbanística, que são realizadas em parceria entre o poder público e a iniciativa privada. (LEITE; AWAD, 2012). Assim, então, são criados os *clusters* urbanos criativos:

Esses clusters urbanos pautam a sua estratégia central produtiva em serviços avançados, parte da chamada nova economia. Por meio de parcerias público-privadas sempre calcadas na criação eficiente de agências de desenvolvimento específicas, tais territórios têm conseguido rápido sucesso nos processos de regeneração urbana e reestruturação produtiva. (LEITE; AWAD 2012, p. 10).

Um exemplo nesse sentido é a cidade de Nante, na França. No Brasil, pode-se destacar o bairro do Recife Antigo, em Pernambuco. Quando esse ambiente criativo prevê, ainda, governança participativa e inclusão, tem-se uma configuração mais adequada de ser interpretada a partir da concepção de cidade inteligente.

### **Cidades inteligentes**

Assim como os demais conceitos abordados neste texto, não há consenso em relação à expressão "cidades inteligentes". Lemos (2013, p. 46) assim as conceitua: "cidades inteligentes são compostas por processos sensíveis ao contexto, lidando com um gigantesco volume de dados, redes em nuvem e comunicação entre diversos objetos".

De modo geral, ela costuma estar associada ao uso de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) para melhoria da qualidade de vida e dos serviços na cidade (GAMA; ÁLVARO; PEIXOTO, 2012). Trata-se, portanto, de algo além da tecnologia. Pressupõe, também, levar em conta o nível da inclusão social e digital dos cidadãos de modo sustentado.

---

Pode-se encontrar alguns exemplos das chamadas *smart cities*<sup>4</sup> pelo mundo: algumas estão situadas na Europa – Londres, Paris e Amsterdã – e outras na América do Norte – como Nova York, Boston e São Francisco (IESE, 2016). A cidade de Montreal, no Canadá, é comumente apontada na literatura como um caso exemplar de cidade inteligente (DUARTE, 2005). Na cidade inteligente ideal, no lugar de cada compartimento responder apenas pela sua área de atuação, os sistemas trocam informações (CONTEÚDO DE MARCA, 2017).

O escambo de informações pode ser considerado como peça-chave. Nas cidades inteligentes, espera-se que delegacias, escolas, centros comerciais, saneamento básico, sistema de abastecimento e de transporte estejam conectados por meio de alta tecnologia, com o intuito de aumentar a qualidade de vida dos indivíduos. Em uma cidade inteligente, sinais de trânsito e faixas de pedestres devem ser capazes de reconhecer as variações de movimento, adaptando automaticamente seus intervalos (CONTEÚDO DE MARCA, 2017).

As *smart cities* estão se tornando um conceito cada vez mais recorrente. Pode-se afirmar que, nessa realidade, as cidades inteligentes dependem fundamentalmente da parceria entre a poder público e iniciativa privada:

Uma das barreiras da implementação da cidade inteligente é a baixa conexão entre os setores público e privado em prol de bons resultados. Segundo Souza, o orçamento público não tem mais capacidade de manter os serviços exigidos pela sociedade atual. O setor privado poderia, na visão do executivo, suprir tal carência, compartilhando conhecimentos e tecnologias. (CONTEÚDO DE MARCA, 2017)

As cidades inteligentes podem ser conceituadas, portanto, como um lugar onde existe convergência de tecnologia e infraestrutura. Essa infraestrutura inteligente pode ser segmentada, envolvendo as esferas do governo e do setor privado. Os cidadãos são,

---

<sup>4</sup>Cidades Inteligentes na língua inglesa.

---

simultaneamente, usuários e facilitadores do sistema, incorporando objetivos compartilhados (DELOITTE, 2017).

## **Conclusão**

O presente artigo teve como objetivo apresentar uma revisão mínima de conceitos centrais do debate sobre indústrias criativas e cidades inteligentes. O resultado desse processo, ainda em curso, é subsidiar uma investigação capaz de responder ao seguinte problema: como as indústrias criativas estão associadas à gênese de cidades inteligentes? Entende-se que a busca por uma resposta para esse questionamento passa, necessariamente, pela reflexão acerca de conceitos-chave e da conexão entre eles, quais sejam: indústrias criativas; cidades criativas e cidades inteligentes. O caminho até aqui percorrido permite as seguintes conclusões preliminares:

- (i) a ação do Estado por meio de políticas públicas costuma estar associada aos conceitos de indústrias criativas, cidades criativas e cidades inteligentes;
- (ii) apesar da semelhança, cidades criativas e inteligentes não são a mesma coisa. A segunda apresenta características da primeira, porém incorpora elementos voltados à inclusão e sustentabilidade sociais;
- (iii) em termos de conceito, as cidades criativas são espaços onde a criatividade tem liberdade de se materializar. Elas estão inteiramente ligadas aos conceitos de indústria e economia criativa;
- (iv) o surgimento de cidades criativas tende a estar associadas à recuperação de espaços públicos urbanos antes degradados que, por meio da intervenção fruto da parceria público-privado, transformam-se em ambientes prósperos;
- (v) as cidades inteligentes estão associadas à automação da prestação de serviços por meio de processos digitais de troca de informação em sistemas capazes de interligar diversos setores, tanto do ambiente público quanto do privado.

A investigação ainda em curso pretende aprofundar essa revisão e, num segundo momento, aplicá-la ao caso concreto do bairro do Recife Antigo, antes uma área



---

degradada que, nos últimos 15 anos, tem sido alvo de intervenções no sentido de transformá-la em um ambiente capaz de tornar o Recife uma cidade classificável como cidade criativa, conforme sugere Martel (2015).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. **Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza**. Rio de Janeiro: Elseiver, 2012.

BENDASSOLLI, Pedro F.; WOOD JR., Thomas; KIRCHBAUM, Charles; PINA e CUNHA, Miguel. **Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades**, *Revista de Economia e Administração* - ERA, jan./mar., n.1 v.49, São Paulo, 2009a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BENDASSOLLI, Pedro F.; WOOD Jr., Thomas; KIRCHBAUM, Charles; PINA e CUNHA, Miguel (coordenação.). **Indústrias Criativas no Brasil: cinema, TV, teatro, música, artesanato, software**. São Paulo: FGV/ATLAS, 2009b.

BRADFORD, N. **Creatives cities structured policy dialogue backgrounder**. Ottawa: Canadian Policy Research Networks, Agosto 2004, p. 21.

CONTEÚDO DE MARCA. **A era das cidades inteligentes**. Conteúdo de marca, 2017. Disponível em: <<http://conteudodemarca.valor.com.br/deloitte/materias/cidades-inteligentes/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

DELOITTE. **Funding and financing smart cities**. Deloitte, 2017. Disponível em: <<https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/us/Documents/public-sector/us-ps-funding-and-financing-smart-cities.pdf>>. Acesso em 24 out. 2017.

DUARTE, Fábio. **Cidades inteligentes: inovação tecnológica no meio urbano**. São Paulo *Perspec.*, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 122-131, Mar. 2005 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000100011&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392005000100011>.

ETZKOWITZ, H. **Innovation in innovation: the triple helix of university-industry government relations**. *Social Science Information*, 2003, p. 293-337.

---

FAUSTINO, Paulo (coord.). **Indústrias criativas, media e clusteres: políticas, desenvolvimento, mercado regiões, produções, estratégias**. Lisboa, Portugal: Editora Media XXI, 2013.

FIRJAN- Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. **Indústrias Criativas - Mapeamento da Indústria Criativa**, 2014. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/economicriativa/download/mapeamento-industria-criativa-2014.pdf>>. Acesso em: 22, mai. 2018.

FLORIDA, R.; TINAGLI, I. **Europe in the Creative Age**. Londres: Demos e Carnegie Melon Software Industry Center, 2004, p. 48.

GAMA, Kiev; ALVARO, Alexandre; PEIXOTO, Eduardo. Em Direção a um Modelo de Maturidade Tecnológica para Cidades Inteligentes. In: **Anais do VIII Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação (SBSI 2012)**. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/sbsi/2012/0018.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

HARTLEY, J. (Ed) **Creative Industries**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. 414p

HOWKINS, J. **The creative Economy – how people make money from ideas**. Londres: Penguin Books, 2001. p264

IESE INSIGHT. **New York Edges Out London as the World's "Smartest" City**. Iese insight, 2016. Disponível em: <<http://www.ieseinsight.com/doc.aspx?id=1819&ar=15&idioma=2>>. Acesso em: 24 out. 2017.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LANDRY, C.; BIANCHINI, F. **The Creative City". Working paper 3: Indicator of a Creative City. A methodology for assessing urban viability and vitality**. London: Comedia, 1994. 56p

LEITE, Carlos; Awad, Juliana. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento urbano**/ Porto Alegre: Bookman, 2012.

LEMONS, André. **Cidades Inteligentes**. GVexecutiVo • V 12 • N 2 • Jul/Dez 2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/article/view/20720/19454>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

---

MARTEL, Frédéric. **O que você não sabe sobre a internet**, Civilização Brasileira, out, 2015.

REIS, Ana Clara Fonseca. **Cidades Criativas: da teoria à Prática**/ São Paulo: SESI-SP editora, 2012.

SERRA, Neusa. **Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas**/ São Paulo: Revista de Administração e Inovação, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/admdcs/Downloads/110253-198047-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

SOUZA, Celina – **Políticas Públicas: Uma revisão da literatura**. Sociologias. Porto Alegre, ano 8, n. 16, julh/dez. 2006.